

HISTÓRIA NUA

Esloane Gonçalves Rodrigues¹



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Habitei as tranças da generala Juana Azurduy
E os pés descalços dos homens de Bolívar calcados nos gelados Andes
Na pele dos camaradas de Fidel curei os rasgos feito pelos espinhos da Sierra Maestra
Estive nos pés capoeiras de Maria Filipa
Fui o fio do punhal de lampião
Sou a coragem viva de Dessaline
Os óculos de Allende que tanto enxergou
Repousei nas barbas de Antônio Conselheiro e na valentia de Canudos
No corpo morto de Che virei adubo, fertilizei o solo
Discursei na poética caneta de Galeano
Ecoei a voz de João Cândido falando aos marinheiros
Sou a Whipala sostenida en El Alto
E Túpac Katari vivo na ameaça de cerco a La Paz
Na Junta Revolucionária fue chispero
Na Operação Condor, ninho invadido
Diante do improdutivo latifúndio eu corto a cerca
No imóvel abandonado, sou ocupação
Sou o zunir da enxada prometendo chegada de nova e produtiva estação
Sou os versos cortantes do rap periférico dessas capitais
Sou a Canindé viva em meio a fuligem do Pantanal
Buscando a água distante, sou raízes do cerrado e lata na cabeça da mulher sertaneja.
Estou na boca que não se cala
Sou a necessária rebeldia dos que sonham liberdade
A resistência cabocla de nuestra América Latina

¹ Graduanda do Curso de Direito da Universidade Federal de Jataí. Integrante do NAJUP Josiane Evangelista.



Submetido em 11/12/2020

Aprovado em 31/01/2021